

O uso de plantas psicoativas entre os Hupda

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data 23 / 07 / 96
cod. HMD 00002

Pedro Fernandes Leite da Luz

Esta comunicação é fruto de uma estadia de vinte dias entre quatro diferentes aldeias de população Hupda, conhecidos como Maku, localizadas na região compreendida entre o Igarapé Japu e o rio Uaupés no Noroeste do Amazonas.

Sedenterizadas recentemente em decorrência do contato com a sociedade ocidental e da influência dos missionários salesianos, os Hupda têm roças incipientes, mas são exímios caçadores e especialistas na coleta e cultivo de plantas psicoativas e venenosas, usadas não só por eles como também por outras etnias vizinhas com as quais eles se relacionam.

É sobre estas plantas que falaremos, em especial, aquelas pertencentes ao complexo associado à *Banisteriopsis caapi*.

Começarei falando sobre a *Erythroxylum coca* var. *ipadu* conhecida pelos Hupda como "Patu". São distinguidos três tipos: *ipadu* de peixe, *ipadu* de pau e *ipadu* Abiú, que são valorados de acordo com o sabor, sendo o Abiú considerado o mais gostoso.

Próximas a toda aldeia Hupda da região, se encontram roças com plantas de "Patu" maduras em número suficiente para o uso tradicional que os Hupda fazem da espécie.

Os Hupda "comem Patu", como eles dizem, diariamente. A partir das 16:30 hs se ouve o barulho do pilão em quase todas as casas. As folhas de "Patu" recém-colhidas e secadas na panela de torrar farinha, estão sendo socadas para o pó resultante ser misturado às cinzas de folhas secas de *Embaúba*. O produto final é então coado através de um pano para na "roda dos homens" ser posto na boca em doses de uma colher de chá, ou mais, por vez.

É nesta ocasião que são comentadas as atividades do dia, tendo o "Patu" um papel importante na socialização do homem Hupda, estando presente como estimulante quando estes relatam uns aos outros os rastros que

viram quando perseguiam a caça, ou discutem os problemas que afetem o grupo, ou ainda combinam a realização de uma festa. Essas conversas se prolongam das 17:00 hs até às 22:00 hs quando o "Patu" preparado aquele dia se esgota, então se iniciam os preparativos para dormir, o que todos estarão fazendo no mais tardar à meia-noite.

Limitado a esse uso específico, exceto no caso do Pajé, o consumo de "Patu" é muito apreciado e apesar dos Hupda testemunharem a perseguição a esta planta, promovida na área pela Polícia Federal, não estão dispostos a abrirem mão de seu uso por reconhecerem neste virtudes medicinais e estimulantes.

O "Patu" é ainda importante na preparação para a ingestão do "Carpi", a *Banisteriopsis caapi*, uma vez que possibilita ao Pajé adquirir o estado mental e a purificação física necessária à cerimônia do "Carpi", ao ser o "Patu" mascado em grande quantidade em jejum durante vários dias antes. Os Hupda associam freqüentemente as duas plantas: o "Carpi" e o "Patu", considerando ambas "professoras" e surgidas juntas quando da criação do mundo.

Outra planta afim, usada simultaneamente ao "Carpi", é o "Xenhet" preparado em forma de pó vermelho feito a partir de árvores do gênero *Virola*, os Hupda utilizam duas espécies: *Virola theiodora* e *Virola calophylla* e consideram esta planta "irmã" do "Carpi".

O "Xenhet" é ao mesmo tempo uma árvore, o pó preparado a partir desta e também um ser encantado. Este ser é pensado como sendo um homem de mais ou menos oito centímetros que, uma vez o pó inalado pelo Pajé, passa a residir na orelha deste, onde vai ensiná-lo sobre as visões e o conhecimento advindos do consumo de "Carpi".

O "Xenhet" é tido como filho de todo aquele que o inalou, sua ajuda e seus ensinamentos podem ser invocados mesmo sem nova inalação do pó, bastando chamá-lo carinhosamente que ele atenderá.

Extremamente valorizado, o uso do "Xenhet" é fundamental para aquele que almeja ser Pajé. Só com seu auxílio pode alguém lograr entender os efeitos do "Carpi" e ser curador.

O pó deve ser adquirido de um Pajé experiente que instruirá o aprendiz no seu uso e preparo. Fica então o pretendente devedor de favores e presentes aos quais deve honrar sob pena de morte. De fato um pajé que não foi satisfatoriamente remunerado por seu "Xenhet" pode soprar na direção do aprendiz que este morrerá em três dias.

Apesar disto, a árvore é bem conhecida e comum no território ocupado pelos Hupda, sendo seu preparo fácil e conhecido por todos. A casca da Viroia é cortada a 50 cm do chão, numa largura de 40 cm por 1,20 m de comprimento. A resina exsudada é então posta em água fria onde solidifica, sendo posteriormente seca, pulverizada e misturada ao rapé de tabaco para ser inalada.

Mesmo contando com a alta estima e os adjetivos entusiásticos que os Hupda dirigem a ele e apesar de reconhecida a força de seus efeitos por si só, o "Xenhet" é pensado como uma entidade auxiliar ao "Carpi" e é sobre este que falaremos agora.

Para os Hupda, o "Carpi" está no começo da criação no "Parmuriduí" quando surgiu a humanidade. Ele era os ossos do primeiro homem, ancestral de todos os Hupda. Assim, o "Carpi" é um legado distintivo dos Hupda. Para justificar o seu alegado conhecimento superior do mundo, em relação a outros povos, dizem que, tendo o corpo de "Carpi", compartilham do conhecimento que este possui.

De fato o "Carpi" é o veículo por excelência da sabedoria. Identificado em outro mito com as veias do "Homem preguiça", o dono do caxiri, o "Carpi" representa metaforicamente a força e o sustento vital que possibilitam o conhecimento e o crescimento daquele que o utiliza.

Ao tomar "Carpi" os Hupda antes de tudo vêem "como move o mundo", ou seja, o porquê da criação, como esta se deu e quais as leis que regem seu funcionamento.

O "Carpi" revela o "movimento" de todas as coisas, o porquê de sua existência e o papel que desempenham no grande drama cósmico.

Sob o efeito do "Carpi", tudo adquire vida, até mesmo uma pedra ou um pedaço de lenha revela sua verdadeira identidade, todas as coisas aparecem

como se fossem homens, é esse o aspecto oculto que se revela aquele que ingere a beberagem.

Para se conhecer as coisas, para "ser inteligente" e ter "boa visão", discernimento, é preciso tomar "Carpi", para aprender deste o verdadeiro aspecto e sentido de tudo.

Apesar de ser a mesma planta, *Banisteriopsis caapi*, os Hupda distinguem sete diferentes tipos de "Carpi" de acordo com a maturidade da planta, da parte utilizada e do aspecto geral do cipó: se é liso, se tem nós, se é torcido, etc.

Os tipos reconhecidos são os seguintes: "Carpi Ingá", "Carpi cabeça de Barrigudo", "Carpi cipó doce", "Carpi tripa de galo", "Carpi Hemodá", "Carpi Kukuda" e o "Huamp Carpi".

Cada um tem um uso específico, existe aquele que é tomado para aprender, para dar conhecimento; outro que é estimulante para ser tomado antes do trabalho e da guerra, existe um que é usado para se relatar e escutar os mitos tribais e, finalmente, aqueles que são usados para dançar nas festas e para curar.

Para ingerir o "Carpi", é preciso observar certos procedimentos com o fito de ter boas visões. Alguns dias antes não se pode comer assado, salgado, quente, nem algo que tenha sido preparado por mulher que esteja menstruada. É preciso limpar o corpo seguidamente tomando vomitórios, bem como praticar a abstinência sexual.

Conforme o uso que será dado ao cipó, mudam as plantas aditivas, mas, de modo geral, o preparo é semelhante. O cipó é raspado e sua casca, a única parte utilizada, posta na água em uma panela para cozinhar quando se acrescentam as outras plantas desejadas. Mal levanta a fervura, a panela é retirada do fogo e deixada no sol para descansar. Os Hupda acreditam que o sol tem um papel ativo no "nascimento" do "Carpi", "fervendo e cozinhando" este.

Tanto o preparo como a ingestão são realizados longe dos olhares indiscretos das mulheres e crianças, caso contrário, aquele que tomou poderá ficar doente.

O cipó é cultivado e colhido pelo Pajé, ou por um dançador, sempre o mais velho de um grupo de sibilings. O irmão mais velho traz o cipó, amarrado em feixe, joga-o na entrada da maloca e canta e dança em torno deste antes de prepará-lo.

Nas festas de Dabacouri, a bebida é ingerida pelos dançadores para que estes "percam a vergonha", cantando e dançando da maneira que se espera deles. Os cantos, nestes casos, visam a fertilidade e o crescimento dos animais e das frutas.

Quando começam a serem sentidos os efeitos do "Carpi", os Hupda se animam mutuamente dizendo: "Já começou, sejamos fortes, sejamos homens" e, eventualmente, comentam suas visões entre si.

Neste caso, o "Carpi" é usado não como um fim em si mesmo, mas como uma ferramenta, uma ajuda necessária à harmonia do canto e da dança.

Já o "Huamp carpi", o "Carpi de peixe", usado pelo Pajé para a cura, é tomado por sua capacidade de mostrar a doença e suas causas. Sob o efeito do "Huamp carpi", o Pajé vê a doença, na forma de substância venenosa exógena ao paciente, bem como aquele que a enviou. O Pajé então suga o dorso da mão esquerda do doente, tirando o seu mal, ou, antes, aquilo que o causou, um veneno invisível, cuspiendo este em seguida. No entanto, a doença não pode ser deixada ali solta, pois poderia contaminar outra pessoa que por acaso passasse no local. O Pajé então recolhe a doença com a mão, como se estivesse catando algo palpável a ele e a coloca em um saquinho mágico invisível, onde esta fica guardada.

Beber "Carpi" é também considerado um remédio preventivo, uma vez que torna o sangue daquele que o tomou amargo e, portanto, imune a qualquer agressão externa.

Durante as cerimônias de cura, é cantado um canto específico que enumera diferentes flores cuja "água" é chamada para apagar o fogo que representa a doença.

Aqueles que querem ser bons caçadores também bebem deste "Carpi", que lhe mostrará onde encontrar a caça e como não ser percebido por esta.

Desta forma, o "Carpi" cumpre um importante papel na sociedade Hupda, sendo o remédio por excelência e também o veículo privilegiado de todo o conhecimento tribal que é adquirido através do seu uso diretamente deste ou pela transmissão oral dos mais velhos para aqueles que estão sob seu efeito, em cerimônias específicas para este fim.

Ao "Carpi" são ainda acrescentadas várias plantas como o tabaco, cujas folhas são misturadas à bebida e à fumaça soprada sobre esta para afastar toda influência maligna, bem como outras conforme o uso a ser dado. Entre as plantas aditivas, encontram-se ainda a *Diplopteres cabrerana*, a *Psychotria viridis*, todas duas já conhecidas como integrantes do complexo associado à *Banisteriopsis caapi*, assim como a *Vismia guienensis* e a Nampιά, cujo uso cerimonial ligado ao "Carpi" é aqui relatado pela primeira vez.

A *Vismia guienensis* (em Hupda, "Há Routen") é seca, pulverizada e acrescentada ao "Carpi" de dança durante a fervura. A Nampιά, uma espécie do gênero *Spathiphyllum* da família *Araceae*, serve tanto para o "Carpi" de dança como para o "Carpi" do Pajé. Acredita-se que ela provoque visões particularmente brilhantes e que esta planta é mais forte que o próprio "Carpi", os homens também passam a folha no corpo para se perfumarem numa magia destinada a conquistar mulheres. Os Hupda sustentam que ambas as plantas, Há Routen e Nampιά, são psicoativas, porém que eu saiba não existem ainda estudos fitoquímicos destas espécies.

Vimos, assim, como o uso de plantas psicoativas é de suma importância para os Hupda, reforçando seus laços sociais e suas crenças distintivas, representando um fator de coesão social e de transmissão e reprodução do saber tribal, estando, no entanto, restrito à esfera masculina da sociedade.